

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANANDA FORTUNATO DA CRUZ

**UMA ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA DAS EMOÇÕES EM
AMOUR, DE MICHAEL HANEKE**

UBERLÂNDIA-MG

2018

ANANDA FORTUNATO DA CRUZ

**UMA ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA DAS EMOÇÕES
EM *AMOUR*, DE MICHAEL HANEKE**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof.Dr.Márcio Ferreira de Souza.

UBERLÂNDIA-MG
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

CRUZ, Ananda Fortunato da, 1992.

Uma análise socioantropológica das emoções em *Amour*, de Michael Haneke 39 fls.

Ananda Fortunato da Cruz- Uberlândia 2018.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em Ciências Sociais.

ANANDA FORTUNATO DA CRUZ

**UMA ANÁLISE SOCIANTROPOLÓGICA DAS EMOÇÕES EM *AMOUR*,
DE MICHAEL HANEKE**

Trabalho de conclusão de curso à Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza (Orientador)

Profa. Dra. Claudia Wolff Swatowiski

Profa. Dra. Mariana Magalhães Pinto Côrtes

Uberlândia- MG

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, em especial, por terem desde o início proporcionado o suporte e apoio para que fosse possível concluir mais uma etapa de minha vida.

Agradeço ao professor Márcio Ferreira de Souza, por sua dedicação, incentivo e orientação ao longo desses anos.

Aos professores do curso, por todo o conhecimento que compartilharam.

E agradeço a todos aqueles que me apoiaram nesse curso de vida, pelo incentivo e, sobretudo, pela paciência e carinho que me dedicaram.

“Vidas, as espontâneas.

Mortes, as instantâneas.”

Bertold Brecht

RESUMO

O processo de envelhecimento vem acompanhado de dificuldades, desafios e sentimentos relacionados ao término da vida. O filme de produção francesa *Amour* é um exemplo de representação social que encara essas questões e contribui para ampliar as discussões das experiências da velhice e da vivência do amor em meio à relação de fragilidade, dependência e finitude. O objetivo desse trabalho consiste em analisar sob o olhar socioantropológico das emoções a relevância da temática sobre o processo de envelhecimento na busca da atualização nos debates sobre a questão da identidade, das condições sociais, biológicas, intelectuais e subjetivas deste percurso de vida. Adota-se como recurso metodológico a associação da análise das emoções com as múltiplas formas de interpretar as representações sociais. Diante desta exposição, o trabalho será dedicado em discutir *Amour* no intuito de compreender as representações sociais da velhice diante da morte e sua relação com as observações realizadas em trabalhos antropológicos e sociológicos que discutem as várias abordagens desta fase de vida em seus determinados contextos.

Palavras-chave: *Amour; emoções; envelhecimento; morte.*

ABSTRACT

The ageing process is accompanied by difficulties, challenges and feelings related to the end of life. The french movie *Amour* is an example of social representation that look these issues and contributes to expand the discussions of the experiences of old age and love in the relationship of fragility, dependence and finitude. The aim of this work is analyze under the socio-anthropological view of the emotions and the relevance of the thematic on the ageing process in the search for the updating in the debates on the question of identity, social, biological, intellectual and subjective conditions of this life course. It is used as a methodological resource the association of analysis of emotions with the multiple ways of interpreting social representations. Before this exhibition, the work will be dedicated to discuss *Amour* in order to understand the social representations of old age in the face of death and its relation with the observations made in anthropological and sociological works that discuss the various approaches in this stage life in their particular contexts.

Keywords: *Amour; emotions; ageing; death.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1- AS EMOÇÕES COMO OBJETO DE ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA	12
1.1- O percurso da antropologia e da sociologia das emoções.....	12
1.2- O estudo da emoção pelas Ciências Sociais no Brasil.....	15
1.3- O debate acerca da biologização das emoções e dos sentimentos.....	19
2- AS EMOÇÕES QUE REPRESENTAM <i>AMOUR</i>	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
4. REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A experiência do envelhecimento é compreendida como universal e heterogênea, de modo que fatores sociais, históricos, culturais, físicos e biológicos interferem na vida, na personalidade e na subjetividade dos sujeitos durante este processo.

Visto que os indivíduos que estão nesta etapa de desenvolvimento estão mais próximos do processo de morrer, a investigação sobre o sentido da vida e as adaptações às mudanças da sociedade contemporânea no ajustamento social e nas subjetividades dos velhos diante da morte se faz necessária. Sob um olhar socioantropológico acerca das emoções, identificaremos os estímulos que surgem na vivência de um casal de idosos em *Amour*¹ (2012), mas que estão presentes em muitos espaços.

O conceito *curso de vida* contribui para a análise do envelhecimento entre as etapas de existência do nascimento até à morte. O termo consiste no “movimento do indivíduo pelas diversas transições criadas socialmente durante o curso de sua vida” (GIDDENS e SUTTON, 2016, p.190). A Sociologia Tradicional integra a etapa de envelhecimento no início da década de 1960, identificando sob o conceito de curso de vida a variação nas etapas de acordo com as diferenças culturais e condições materiais, além da classe social, gênero e etnia. (GIDDENS e SUTTON, 2016). Assim, se observa que os cursos da vida variam a cada geração e em cada contexto social, alterando inclusive a subjetividade do envelhecimento, diretamente relacionado ao contexto das transições geracionais (SHAFER, 2008 apud GIDDENS e SUTTON, 2016).

Utilizarei o conceito de velhice inserido na interpretação do conceito de curso da vida e os termos velho(a) e idoso(a) como formas de definição de construção da identidade por meio da interpretação do filme *Amour*. A relação de velhos com o término da vida diante de inúmeras fontes contemplará essencialmente o cenário brasileiro de idosos ainda que a produção do filme seja europeia, isto por que: “A velhice desemboca sempre na morte. Mas raramente ela acarreta a morte sem que intervenha um elemento patológico.” (BEAUVOIR, 1990, p.46).

O significado da velhice envolve além das perdas biológicas, mudanças nos papéis e posições sociais e no desenvolvimento psicológico na idade avançada. Estes

¹ Filme de produção de Stefan Arndt e Margaret Ménégoz, roteiro e direção de Michael Haneke. França, Alemanha, Áustria. 2012, 127 min.

fatores que determinam a idade cronológica, biológica e subjetiva fundamentam a pesquisa deste trabalho na intenção de desmistificar a velhice associada à dependência física e emocional.

No processo de envelhecimento populacional, o Brasil destaca-se no cenário internacional, dado que os idosos atingiram 11,7% da população mundial em 2015 e com estimativa de 23,5% em 2039 de acordo com as projeções levantadas pelas Nações Unidas (WORLD..., 2017). Na síntese dos indicadores sociais do IBGE (2016), as diferenças regionais no processo do aumento da proporção de idosos e a velocidade despendida são evidenciadas. Os idosos que representavam 9,8% em 2005 correspondem a 14,3% da população brasileira em 2015, sendo os maiores percentuais localizados nas Regiões Sul (15,9%) e Sudeste (15,6%), enquanto na Região Norte se encontra o menor percentual (10,1%) de pessoas de 60 anos ou mais de idade na população. Esses dados estão diretamente relacionados a fatores sociais e econômicos, como a queda de fecundidade e mortalidade e o aumento na longevidade da população idosa, além do levantamento do nível de ocupação por sexo e o acesso a serviços de saúde. Em relação a este processo de crescimento, é urgente a necessidade de compreender as relações com a saúde e o morrer que os velhos enfrentam e as formas que estas correspondências são representadas socialmente, tanto em documentos fílmicos quanto em pesquisas das ciências sociais, da neurociência e da psicologia social. O livro “Falando da Sociedade” de Howard Becker (2009) servirá de base para atenção nos detalhes destes documentos com vista à esfera mais ampla de possibilidades representacionais do idoso.

Considerando o cinema como linguagem transformada em representação e que envolve diversos e antagônicos participantes, que deslocam sua percepção de realidade, discute-se as representações do envelhecimento para compreender as emoções que estão envolvidas na atitude dos personagens em relação à morte na fase do envelhecimento.

Refletindo acerca das possibilidades de reprodução da vida dos idosos no mundo moderno, o sentido do morrer e do viver, que dependem dos sentidos atribuídos pelos outros, servirão como instrumento que auxiliará na identificação das representações acerca da velhice. A partir da análise fílmica, identifica-se a relação entre as imagens apresentadas e os temas sociais relacionados ao envelhecimento e à morte e seus aspectos afetivos e íntimos que são acionados em *Amour*.

1. AS EMOÇÕES COMO OBJETO DE ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA

O filme *Amour* (produzido em 2012 e lançado nos cinemas brasileiros no início de 2013) do cineasta austríaco Michael Haneke evidencia de forma pouco usual a fragilidade do corpo humano e as relações provenientes do universo familiar vinculado ao idoso. Uma análise da representação social da velhice e do envelhecimento é possível neste cenário que contempla novas formas de perceber as emoções envolvidas neste processo. Contudo, o filme concentra-se primordialmente no sentimento de amor no ambiente de sofrimento por grave condição física e psicológica. A vida do casal de octogenários Georges (Jean-Louis Trintignant) e Anne (Emmanuelle Riva) muda após o acidente vascular cerebral (AVC) que fragiliza a condição de Anne e conduz um término trágico na vida desses personagens.

A partir de diversas interpretações culturais em relação à morte, as experiências e as vivências, as percepções e imagens culturais que circundam o envelhecer, este trabalho concentra-se nas possibilidades de análise que o filme *Amour* pode conduzir e contribuir para os estudos das emoções, sejam estas voltadas para o amor ou para o envelhecimento.

As relações intersubjetivas presentes na vida do casal de *Amour* pertencem e são reflexo das narrativas e vivências observadas em diversas sociedades, de modo que o trabalho organizado pelas ciências sociais nas pesquisas sobre as emoções torna-se instrumento fundamental na compreensão das representações dessas vivências.

1.1- O percurso da antropologia e da sociologia das emoções

A definição e sistematização das emoções no campo da sociologia e da antropologia brasileiras parte do próprio processo de consolidação dessas disciplinas no país, o que indica quais os precursores contribuíram para a sua formação. Para compreender como as emoções associadas ao envelhecimento se constituem nas diversas representações sociais presentes, especificamente no filme *Amour*, um breve relato da construção desta área será apresentado.

Ainda que consciente da importância do tema, as ciências sociais em sua formação preferiu considerar estas noções intersubjetivas como objeto de estudo da psicologia. Contudo, ao se falar de cultura e sociedade, o conteúdo afetivo, sentimental

ou emocional é contemplado em diversos textos da área, o que dificulta a consolidação de uma área específica para as emoções.

A formação das disciplinas antropologia e sociologia das emoções contemplou um acesso à produção de significados e valores referente ao indivíduo em seu determinado contexto social tendo como principal foco as emoções envolvidas no processo de interação social. A construção deste campo² semiautônomo emerge com as pesquisas norte-americanas na década de 1970 com temas associados à vida íntima moderna e à esfera pública.

Maria Cláudia Coelho e Cláudia Barcellos Rezende (2011) destacam o caráter ambíguo que as emoções possuem no campo das ciências sociais, dado que em sua formação esta área manifestou-se pela demarcação das fronteiras disciplinares, descartando a dimensão psíquica do objeto da análise sociológica. Seguindo a concepção ocidental de que as emoções pertenceriam à ordem do indivíduo e à ordem da natureza, as emoções não fariam parte dos estudos sociais devido à oposição “indivíduo-sociedade” e “natureza-cultura”. No entanto, os fundadores dos estudos sociológicos já apontavam em suas obras uma incorporação das emoções para analisar a sociedade e a cultura. Assim, as autoras sinalizam a dificuldade desta temática se tornar um campo autônomo de investigação apesar dos autores clássicos das ciências sociais terem abordado alguns aspectos das emoções em suas obras.

Retomando alguns textos analíticos de Émile Durkheim (1858-1917) e Georg Simmel (1858-1918), as autoras Coelho e Rezende (2011) percebem que as emoções que, por vezes, são demarcadas ao campo da psicologia e excluídas do objeto sociológico, integram também os estudos da área. Em “As formas elementares da vida religiosa”, por exemplo, Durkheim (1989) ao discorrer sobre o “estado de efervescência” vinculado ao pensamento religioso, expressa a incorporação da dimensão das emoções na análise sociológica. Simmel (2004), neste sentido, também se destaca em “Fidelidade e gratidão” por “afirmar que esses dois sentimentos são essenciais para a coesão e estabilidade da vida social” (COELHO e REZENDE, 2011, p. 9).

Outro nome importante que as autoras ressaltam a respeito da incorporação das emoções na vida coletiva é o sociólogo e antropólogo Marcel Mauss (1872-1950). Ao interpretar os sentimentos como linguagem e expressão social, o autor percebe nos ritos

²Campo representa para Bordieu (1989) um espaço social simbólico estruturado formado pela disputa pelo poder no qual os agentes ou instituições constroem sentidos comuns a partir de suas posições, que dependem do capital que possuem, seja este econômico, simbólico ou cultural.

funerários australianos que as emoções fazem parte de um universo cultural específico que variam de acordo com o tempo e lugar de uma determinada sociabilidade, sendo reconstruída continuamente. Deste modo, a emoção seria uma representação coletiva que se impõe a consciência individual, mas como representação ela tornar-se-ia inconsciente, isto é, o indivíduo ao experimentar uma emoção absorveria o conceito com um novo significado sobre o que já foi construído socialmente. Para Mauss (1979), portanto, os indivíduos sociais assimilariam os significados culturais da emoção antes mesmo de vivenciarem toda e qualquer emoção, como uma categoria implícita e inconsciente. De acordo com o autor:

É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica. (MAUSS, 1979, p.153).

São nestes ritos funerários australianos que Mauss (1979) descreve a expressão dos sentimentos pela compreensão de seu caráter coletivo, isto é, como fenômeno social. Confiados quase que exclusivamente às mulheres, esses cultos bem cantados expressam a dor buscada, formando, assim, linguagem e ação simbólica.

Observa-se a partir da retomada dessas obras clássicas das ciências sociais que o caráter cultural das emoções chegou a ser abordado por seus fundadores, e mesmo que não tenha sido objeto específico de estudo, revelou conceitos que rondam o coletivo e o social de modo que contribuíram para a formação do campo de interesse nas subjetividades dos indivíduos e sua relação com as instituições e com a sociedade em geral.

No campo da antropologia, Coelho e Rezende (2011) apresentam autores clássicos da escola francesa, britânica e norte-americana, que articulam indivíduo e sociedade sem especificar uma divisão das áreas, reincorporando o conteúdo dos sentimentos e das emoções de forma mais matizada. O trabalho de Ruth Benedict (1887-1948) na antropologia cultural norte-americana é destacado pelas autoras pela sua interpretação das emoções como elementos padronizados da cultura, isto é, como focos de ação que recebem gradações de acordo com o contexto social. Ao estudar as reações emocionais dos povos *pueblo* e *zuni*, Benedict (2000) percebe condições circunscritas em fatores emocionais em cada cultura que irão configurar as ações coletivas.

A construção das emoções como objeto de estudo antropológico teve, segundo as observações das autoras, grande impulso na década de 1980 com o trabalho norte-americano conduzido por Catherine Lutz e Geoffrey M. White (1986) que marcam a formulação de um campo específico para o estudo antropológico das emoções mediante a ascensão da antropologia interpretativa. Os estudos destes autores apresentam as tensões sobre a experiência emocional entre as cinco oposições das vertentes: universalismo e relativismo; positivismo e interpretativismo; materialismo e idealismo; romantismo e racionalismo. Tais vertentes se distinguem pelos diversos focos analíticos destinados às emoções que os autores (Lutz e White, 1986 *apud* Coelho e Rezende, 2011) observam como frutos das representações sociais ocidentais sobre o tema. Além do mapeamento do campo da antropologia das emoções, estes autores ainda refletem sobre a importância do trabalho etnográfico e a metodologia em pesquisas no campo antropológico voltada às emoções.

Coelho e Rezende (2011) assinalam ainda outra obra desses pesquisadores, lançada posteriormente, sob uma perspectiva contextualista, preocupada em destacar a dimensão micropolítica das emoções que retomam conceitos *foucaultianos*, como o “discurso”, por exemplo, para compreender como os “discursos emotivos” operam em diversos contextos. As abordagens relativista e contextualista que marcam a antropologia das emoções norte-americana são abordadas pelas autoras como bases fundamentais para se pensar novas dimensões ao estudo e delimitação do campo da antropologia das emoções.

O percurso dos estudos centralizados nas emoções analisados pelas autoras contribuem para a identificação de várias posições que determinam o foco de investigação acerca das emoções e demarcam o campo da antropologia das emoções no Brasil com suas pesquisas sobre amizade, dádiva, identidade, violência, elaborando uma síntese importante para a configuração das ciências sociais das emoções no país.

1.2- O estudo da emoção pelas Ciências Sociais no Brasil

Mauro Koury (2004, 2014a, 2014b) destaca-se representando a consolidação da linha de pesquisa em antropologia e sociologia das emoções no Brasil em vista de seu levantamento bibliográfico sobre o tema, além da dedicação aos estudos analíticos sobre

as emoções relacionados aos medos, “medos corriqueiros”³ luto, processo de luto, da morte e do morrer, entre outros temas que compreendem a emergência da individualidade e do individualismo no Brasil urbano contemporâneo. Além de criar a “Revista Brasileira de Sociologia das Emoções”, o professor coordena o “Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções” (GREM) na Universidade Federal da Paraíba desde 1994.

O processo de consolidação das disciplinas de antropologia e sociologia das emoções no Brasil, como observa Koury (2004), tem início em meados de 1990. O autor, que realiza vários ensaios sobre esse processo, evidencia a retomada dos fundadores do pensamento das ciências sociais brasileiro para mostrar como as emoções estão vinculadas aos estudos destes autores. Gilberto Freyre (1900-1987), Paulo Prado (1869-1943), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) são exemplos que abordam e caracterizam emoções em suas análises estruturais sobre a formação da nacionalidade brasileira.

Sérgio Buarque de Holanda evidenciou os fundamentos personalistas da sociedade brasileira tendo como eixo a sociedade que se forma a partir da herança escravista caracterizada pela colonização lusitana e espanhola. A respeito da incapacidade de livre e duradoura associação, observa-se que:

O peculiar da vida brasileira parece ter sido, por essa época, uma acentuação singularmente enérgica do afetivo, do irracional, do passional, e uma estagnação, ou antes, uma atrofia correspondente das qualidades ordenadoras, disciplinadoras, racionalizadoras. (HOLANDA, 1995, p.61)

A ética de fundo emotivo contextualizada pelo autor representa que certas pulsões e desejos voltados às relações do indivíduo com o Estado e o indivíduo com os partidos políticos se desenvolvem no seio da sociedade brasileira. Os valores da personalidade tomados por demasiado apreço ditam as formas de convívio, assim, surgem e mantêm-se as oligarquias: “Na tão malsinada primazia das consequências particularistas sobre os interesses de ordem coletiva revela-se nitidamente o predomínio do elemento emotivo sobre o racional.” (HOLANDA, 1995, p. 182)

O esforço empreendido por esses intelectuais nas décadas de 1920 e 1930 na construção de um paradigma nacional no Brasil considerando os aspectos da

³ Medos corriqueiros segundo Koury (2016) se referem aos medos cotidianos que fazem parte das relações tensas e conflituais de uma cultura emotiva.

subjetividade foi rechaçado até a segunda metade da década de 1980, muito em razão da tendência em acentuar o caráter objetivo da relação indivíduo-sociedade, herdado pela leitura dos clássicos das ciências sociais. No entanto, Koury (2004, 2014a) observa que os estudos de Roberto da Matta já indicavam na década de 1970 atenção às emoções. Partindo da concepção de que no cenário brasileiro “casa” e “rua” são categorias sociológicas, isto é, compreendidas como instituições morais capazes de inspirar e afetar emoções, regras e imagens nos indivíduos, o antropólogo assume uma leitura dos discursos presentes nesses espaços para entender suas conexões econômicas, políticas, culturais e morais.

Gilberto Velho (1986) é apontado por Koury (2004, 2014a) como o precursor mais notável para a formação deste novo campo analítico, sendo considerado como um dos autores fundamentais para a compreensão da questão das relações entre a subjetividade e a sociabilidade. Ao discutir a emergência do indivíduo psicológico no Brasil urbano e o individualismo crescente nas camadas médias urbanas das grandes metrópoles, sobretudo as cariocas, Velho (1986) elabora uma análise significativa sobre a relação da subjetividade e objetividade voltada à problemática das emoções na cultura da sociedade nacional. O indivíduo que ativamente constrói a realidade de forma consciente, que produz significados mediante a reflexão contínua concebe sua singularidade, segundo Velho, em linguagens psicologizadas dentro de um cenário predeterminado. O indivíduo, portanto, se recompõe da fragmentação a partir das emoções, daí surge a valorização em falar de si, de sua biografia. A preocupação em analisar como a pessoa constrói sua própria história de vida por meio do uso da linguagem das emoções para recompor sua unidade é fundamental para compreendermos o sentido atribuído à fase do envelhecimento neste trabalho.

O esforço de consolidação dos campos da antropologia e da sociologia das emoções no país deve ser creditado aos grupos de pesquisa situados em diversas instituições acadêmicas brasileiras. Além do grupo fundado por Koury em 1994 na Paraíba, o “Grupo de Pesquisa Transformações da Intimidade”, formado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 1998 e o “Grupo de Pesquisa Cultura, Sociabilidades e Sensibilidades Urbanas”, criado em 2010 na Universidade Federal da Bahia formam um movimento que busca fortalecer e divulgar as pesquisas dedicadas à centralidade das emoções nas ciências sociais (KOURY, 2014a).

O breve balanço teórico-metodológico apresentado revelou diversos conteúdos investigados pelas disciplinas sociologia e antropologia das emoções, interligadas por discussões que tendem a marcar uma interdisciplinaridade na compreensão das emoções como objeto de estudo, de modo que contribuem na amplificação de pesquisas na área. Sobre essa questão, assinala Koury (2014b):

As preocupações que orientam os debates no interior destes campos disciplinares que relacionam emoções, cultura e sociabilidade, portanto, se dirigem aos fatores culturais e sociais que influenciam a esfera emocional, como elas interagem entre si, como se conformam e até onde vai a influência e a reciprocidade entre elas (KOURY, 2014b, p.9).

Ao que se refere à sociologia nas pesquisas sobre as emoções como categoria analítica central nos estudos sobre envelhecimento e morte alguns trabalhos revelam conteúdos que se estendem para a compreensão da cultura e da relação indivíduo em contato com o “outro” ou com a sociedade.

Na antropologia, Mauro Koury (2014b) organizou uma pesquisa sobre os velhos moradores de doze capitais do Brasil para compreender a visão destes sobre suas vivências. As narrativas sobre o envelhecer analisados por Koury se dirigem à percepção que os velhos têm a respeito do passado, isto é, relativo à memória desses sujeitos.

Preocupado em investigar como o medo surge entre variados sentimentos no percurso de vida, a fase do envelhecimento traz uma nova forma de sociabilidade, voltada à percepção do corpo e o peso da idade e às formas relacionais com a sociedade. O processo está ligado a solidão, seja por medo de relembrar o passado ou pelo temor de encarar o futuro, que surge pela perda do(a) companheiro(a) ou de um ente querido. A questão da morte ergue-se como um elemento adjunto ao processo de envelhecer, vinculados por discursos recorrentes, pela preocupação dos familiares com a saúde do parente velho. Os velhos e velhas de faixa etária de sessenta anos da classe média e média alta analisados por Koury (2014b) relatam suas angústias relacionadas ao peso da idade, ao surgimento de limitações do corpo e às novas sociabilidades que emergem como formas de escapar da solidão ou reiteradas pela solidão, além de destacarem o foco no trabalho, o medo de sair na rua, das cidades, de morrer sozinho e ninguém notar.

Perante a contribuição do mapeamento realizado por Coelho e Rezende (2011) e da organização de pesquisas, incentivo e participação na fomentação do conteúdo da cultura emocional como objeto sociológico e antropológico pode-se notar que as relações entre indivíduo, cultura e sociedade incidem como causas íntimas nas experiências emocionais vivenciadas pelos indivíduos no âmbito do processo de envelhecer e morrer em diversos cenários culturais, permitindo que uma investigação sobre o tema seja realizada pelas ciências sociais. Em sua fundamentação analítica, Koury (2014b) investiga quais fatores são determinantes na expressão de emoções particulares, que interagem com a sociedade e quais princípios e valores estão concentrados nos sentimentos surgidos por condições sociais, culturais e psicológicas.

1.3- O debate acerca da biologização das emoções e dos sentimentos

Para que as ciências sociais se interessassem em tratar as emoções como parte fundamental nas interações sociais e culturais, capazes de transformar o cenário e o íntimo de cada sujeito, demandou-se que não se opusesse radicalmente aos postulados das teorias das áreas biológicas. Uma proposta interdisciplinar que envolvesse história, filosofia social, psicologia social, sociologia e ciência política necessita do apoio das neurociências, dado a própria inovação do campo da neuroantropologia. Além dessas disciplinas, a relevância das teorias neurobiológicas, estudos da psicanálise, entre outros, são necessários para a compreensão de um tema intensamente subjetivo, mas que comporta explicações socialmente objetivas.

O renomado neurocientista António Damásio (2012) insere uma importante contribuição na discussão da relação razão, emoção e cérebro humano por revelar alguns dos substratos neurais envolvidos na aprendizagem emocional. Partindo de casos ilustres em que as personalidades de certos sujeitos foram modificadas após graves acidentes, particularmente casos em que o córtex-cerebral foi danificado, provocando uma redução da capacidade de reação emocional e da vivência de sentimentos, Damásio (2012) investiga o déficit no comportamento emocional como causa da dificuldade em tomar decisões racionais.

O autor apresenta uma série de argumentos que explicam como se configura a formação e processamento de imagens no cérebro. Negando a separação cérebro-corpo, mente-corpo, Damásio defende uma interação desses elementos ao apontar a íntima

relação das estruturas cerebrais envolvidas na origem e na expressão das emoções, tais como o sistema límbico e áreas do córtex cerebral que estão ligadas à tomada de decisões. Ao sustentar que o nosso raciocínio é feito de sequências ordenadas de imagens, o autor busca compreender o mecanismo biológico da razão mediante a inserção da emoção e dos sentimentos para além da manifestação de impulsos e instintos. Para isso, Damásio (2012) elabora uma distinção entre emoção e sentimentos, dado que “todas as emoções originam sentimentos, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções” (DAMÁSIO, 2012, p.138)

Segundo Damásio (2012), existem emoções primárias e secundárias e uma variedade de sentimentos associados às emoções. As emoções primárias se referem às disposições programadas e inatas para responder aos estímulos identificados pelo sujeito (ou animal) sozinho ou em grupo, seria o movimento natural em detectar e classificar certas características (tamanho, som, movimento) de determinado objeto. Esta reação para fora, semelhante ao que experienciamos na infância, pela frequência de movimentos espontâneos, isto é, aquelas que não controlamos, se diferencia das emoções secundárias, em que o estímulo é analisado no processo de pensamento, seriam, portanto, uma forma de incorporação das imagens mentais formadas por representações dispositivas adquiridas, como exemplificado por um sorriso intencional, ou melhor, pensado.

Os sentimentos, segundo Damásio (2012), seriam a apreciação da emoção enquanto esta ocorre, pois sugere que as alterações do corpo e dos sentimentos ocorrem simultaneamente. Assim, os sentimentos referem-se à consciência das alterações que constituem a resposta emocional. Sintetizando:

Um sentimento em relação a um determinado objeto baseia-se na subjetividade da percepção do objeto, da percepção corporal criada pelo objeto e da percepção das modificações de estilo e eficiência do pensamento que ocorrem durante todo esse processo (Damásio, 2012, p. 143).

Demonstrando como a avaliação mental da situação provoca a emoção e como as funções da emoção estão ligadas à cognição e ao comportamento, além de constituir aspectos centrais da regulação biológica, o autor considera não só fato da sensação do corpo estar atrelada às emoções, mas sugere que a consciência e a aprendizagem destas emoções são essenciais para que o raciocínio culmine numa tomada de decisão.

A antropóloga Chiara Pussetti (2015) apresenta duas visões que marcam as duas escolas de pensamento que cercam as emoções: a visão biológica e a visão construtivista. Essas perspectivas servirão de base para a autora tratar sobre a utilização massiva da "psicofarmacologia cosmética", expressão cunhada por Kramer⁴ (1993 *apud* Pussetti, 2015) para designar o uso de substâncias que visam contornar dificuldades cotidianas e que intercedem na construção cultural das emoções decorrentes de traços de personalidade e na inexistência de psicopatologia definida, isto é, intercedem na construção cultural das emoções. A visão dos biólogos sobre as emoções concentra-se na separação da estrutura genética do ser humano das áreas psicológicas, enquanto os construtivistas interpretam as emoções como construções sociais variáveis, que dependem da interpretação ou avaliação de um estímulo, no entanto, assinala a autora que não deveria se admitir emoções universais baseadas numa perspectiva estruturalista, pois as emoções mudam a depender da cultura e do tempo.

Pussetti (2015) parte de Franz Boas (1858-1942) em seu levantamento das emoções no campo das ciências sociais, notando que o antropólogo percebe a insuficiente explicação biológica das emoções, considerando de acordo com sua base teórica os determinantes culturais e sua relação com a formação da Escola da Cultura e da Personalidade representados por seus alunos Benedict, Bateson e Mead. Pussetti (2015) indica a influência da leitura de Geertz⁵ (1989) na compreensão das emoções como atos pragmáticos e nas relações sociais possíveis de serem moldadas.

Para ultrapassar a dicotomia mente/corpo, natureza/cultura, Pussetti (2015) cita algumas contribuições que contemplam fatores biológicos aos sociais para a análise das emoções, como a abordagem biocultural, na qual o indivíduo é concebido como um ser construído e um ser a se construir, partindo da constatação da capacidade de criação de seu mundo. Desse modo, as emoções são modelos construídos pelos indivíduos que por sua vez os moldam. Nesse artigo, a antropóloga se preocupa com o uso indiscriminado

⁴ Peter Kramer é um psiquiatra norte-americano e um dos primeiros a escrever sobre as transformações ocorridas com o uso do *Prozac*. Sua obra "Listening to Prozac" se tornou um dos maiores *best-sellers* no início dos anos 1990.

⁵ Sustentando a ideia de que a cultura é como uma teia de significados, a análise de Geertz em "A interpretação das culturas" parte do âmbito de uma ciência interpretativa, à procura do significado. Ao propor uma elaboração do que é cultura, como uma comunicação por meio de símbolos que são contextualizados, o autor busca apresentar que é possível expor a cultura em sua normalidade sem reduzir sua particularidade. O trabalho do antropólogo, portanto, é entender o significado, o contexto dos símbolos e indagar a importância da cultura. Nesta relação, as emoções são capazes de revelar o meio social e cultural dos indivíduos.

do *Prozac* funcionando como adestrador das emoções, dado que sua utilização funciona como meio de resposta às exigências da sociedade, isto é, de seu meio cultural, político e econômico. Mais do que isso, ela indaga: “Como pode o emprego da psicofarmacologia mudar a nossa concepção do que significa ser “humanos” e a representação que temos de nós como pessoas?” (PUSSETTI, 2015, p. 33).

Voltada para a construção social e psicológica das emoções, Lindner (2013) nota como as emoções eram vistas como elementos irracionais e elenca comentários sobre a definição de um campo de estudo específico em emoções e da dificuldade em saber, organizar e definir as emoções. A dificuldade de demarcação de um campo autônomo deve-se, segundo Lindner (2013), à própria dificuldade de conceituar as emoções.

A autora, que trabalha na construção de uma teoria da humilhação transcultural, percebe que a nova interpretação das emoções concentra-se nos significados, nas práticas sociais. Assim, a visão dualista vem sendo ultrapassada pela intenção de abordar como as emoções são experimentadas em determinado contexto social e cultural, ao citar pesquisadores, entre eles, António Damásio, que consideram o valor que constitui as emoções para a formação do ser construído e a se construir, percebe a continuidade da relação emoção/razão e suas vertentes.

Diante das posições desses pesquisadores que superam as visões dualistas acerca da completude do ser humano em sua racionalidade e capacidade de sentir, pensar e transformar, uma análise mais incisiva está organizada no próximo tópico em que a questão da fragilidade do corpo humano, a perda da autonomia e a nossa relação com a longevidade ou a finitude de nosso corpo serão abordadas.

2. AS EMOÇÕES QUE REPRESENTAM *AMOUR*

O drama *Amour* conquistou um estimado público, principalmente por ser consagrado em tantas premiações, como a Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2012 e o Oscar em 2013 (melhor filme estrangeiro), na mesma ocasião em que Emmanuelle Riva tornou-se a pessoa mais velha já nomeada para a categoria de melhor atriz. Tendo como pano de fundo o envelhecimento e a degradação física e psicológica como cenário, o tema central volta-se para as emoções envolvidas com a enfermidade e a morte, sobretudo àquilo que se relaciona ao amor vivido na velhice.

O filme que nos conduz a pensar sobre as formas de presenciar alguém que se ama definhando traz entre as primeiras cenas um plano geral apresentando a plateia de um teatro, o que nos indica uma reflexão sobre a visão dos espectadores frente ao nosso olhar, indagamos o que se passa entre o aglomerado de observadores, que se encerra depois que o casal de protagonistas se enclausura no apartamento. Após o AVC de Anne, o casal recebe poucas visitas (da filha, do genro, de um ex-aluno) e depois que Anne fica acamada, não há mais contato para ela além da presença cotidiana de Georges.

Beauvoir (1990) em seu trabalho sobre a velhice, contextualizada na história da humanidade, observa que a relação da sociedade com os mais velhos está vinculada aos modos de organização da produção de cada comunidade que se afirma como um fator cultural. No século XX, a filósofa percebe que algumas dificuldades, próprias do organismo na fase de envelhecimento, foram amenizadas pelo avanço na medicina. Por outro lado, a autora aponta a ideia de obsolescência que se configura no descaso com que era tratada a velhice, por meio da “conspiração do silêncio”, que incentivou a exclusão dos mais velhos e se agravou na sociedade de consumo.

Elias (2001), a respeito das mudanças na atitude em relação à morte, verifica que na sociedade moderna “o envolvimento dos outros na morte de um indivíduo diminuiu” (ELIAS, 2001, p.24), o que segundo o autor contribuiu para o isolamento dos moribundos. As observações que o sociólogo empreendeu estão contidas no filme *Amour* e se relacionam com as transformações contemporâneas que afetam as relações sociais. A repressão dos sentimentos associados à morte que o sociólogo discute em “A solidão dos moribundos” explica a separação que os vivos impõem aos indivíduos que estão prestes a morrer. Tal afastamento é nítido quando Georges não permite que sua

filha entre no quarto em que Anne repousa. O que pode ser explicado, de acordo com Elias pelo processo de individualização das sociedades ocidentais, que por não se identificarem com a fragilidade dos doentes e não conseguirem expressar seus sentimentos, sobretudo na fase de luto, tendem a isolá-los. Dessa forma:

O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas tem em identificar-se com os velhos e moribundos. (Elias, 2001, p.8)

A ausência de identificação com os mais velhos se amplia mediante o aumento da expectativa de vida, colaborando na resistência da ideia de morte e no distanciamento daqueles que passam pelo processo de envelhecimento. Eva, a filha do casal de músicos compartilha a mesma profissão de seus pais e, apesar desta identificação, ela está distante da vida de seus pais e não compreende a vontade deles de se cuidarem em casa, o que contribui ainda mais para o isolamento dos dois.

Para compreender o conceito de velhice, a abordagem “socioculturalista” se faz presente para evidenciar que o envelhecimento do sujeito é determinado pela cultura em que está imerso, isto é, construído socialmente. Uma vez que as práticas sociais vigentes em seu meio determinam categorias de pessoas baseando-se em uma classificação etária para ensinar os modos que os indivíduos devem se comportar, nota-se que o Estatuto da Pessoa Idosa é imposto pela sociedade que o indivíduo pertence (BEAUVOIR, 1990). Por outro lado, consideramos que o envelhecimento é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida e configura-se em mudanças físicas e psicológicas que atingem de forma particular cada indivíduo.

Amour retrata a história de um casal de músicos aposentados que mora em um apartamento em Paris. O longa se inicia com bombeiros arrombando esse apartamento e encontrando uma mulher morta e envolta por flores. O prólogo anuncia o fim do drama. A plateia de um teatro que surge em seguida apresenta o casal de protagonistas em meio a esta aglomeração compenetrada ao concerto. Ao retornarem para a casa, somos introduzidos à vida íntima de Anne e George e prestes a assistir a alteração dessa relação e todo o sofrimento da fragilidade humana que os acompanham.

Durante o café da manhã, Anne passa por uma espécie de paralisia, um dos sintomas de um AVC que surge em seguida e transforma o cotidiano do casal. Na

passagem anterior, no período noturno, ela estava acordada na cama, causando estranheza em Georges e instaurando um mau presságio no espectador. Após o acidente, seu corpo fica preso à cadeira de rodas, pois um lado direito já está paralisado. Após voltar do hospital, Anne suplica ao marido para que este não a deixe mais voltar para o local. O desejo em descansar em casa é explícito e não requer julgamentos. Georges respeita o pedido de Anne e dedica-lhe todo o cuidado e atenção dentro do ambiente familiar. A compaixão determina o ato derradeiro. Assistir a alguém que se ama morrer aos poucos se revela a essência que Haneke deseja retratar em seu filme.

Para desvelar as emoções envolvidas nessa fase do envelhecer e da morte para o idoso, tendo como recurso o objeto fílmico, os estudos voltados às representações sociais revelam-se fundamentais na compreensão dos sentidos atribuídos, das imagens e suas narrativas em torno das vivências afetivas na velhice.

A postura de Moscovici (1978) em relação à representação social ancora-se na elaboração de Émile Durkheim acerca das representações coletivas. As representações coletivas fazem parte de um notável número de obras de Durkheim- “As Formas elementares da vida religiosa”, “A divisão do trabalho social”, “O suicídio”, entre outras- Seu significado advém de uma consciência coletiva, fruto dos acontecimentos sociais, assim como o fato social, as representações coletivas tem o caráter coletivo, coercitivo e exterior. Segundo Durkheim (2007), elas são produto das interações sociais e adquirem realidade e autonomia, como forma de conhecimento e guia para as ações sociais. As representações coletivas não se reduzem às representações individuais. “[...] as representações coletivas traduzem a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam.” (DURKHEIM, Prefácio de 2ª edição de As Regras do Método Sociológico, 2007). Assim, de acordo com Durkheim (2007), as representações são formas de retratar, de absorver e de compreender a realidade. Através das representações é que se pode observar a organização e a lógica das instituições sociais.

A Teoria das Representações Sociais elaborada por Moscovici (1978) no início da década de 1960 no campo da psicologia social consiste em tomar as representações sociais como produto e processo de uma atividade mental capaz de orientar ações e comportamentos. As representações sociais são teorias sobre o conhecimento do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Desse modo, o conhecimento do senso comum torna-se legítimo

condutor de transformações sociais. O estudo das representações sociais possibilita revelar o papel fundamental na dinâmica das relações sociais e nas práticas culturais.

A contribuição de Howard Becker (2009) para a compreensão das diversas formas de representar o social que estão presentes em uma ampla variedade de gêneros, entre eles, filmes, permite que a análise de *Amour* suscite elementos emocionais que podem ser assimilados pelas ciências sociais, de modo a incorporar perspectivas sobre velhice e morte compreendidas como intrinsecamente relacionadas, considerando os aspectos das organizações que os relatos são feitos, isto é, o trabalho realizado de acordo com as condições possíveis. O livro “Falando da Sociedade” de Becker (2009) servirá de base para atenção nos detalhes destes documentos com vista à esfera mais ampla de possibilidades representacionais do idoso, lembrando que:

Cientistas sociais e cidadãos comuns utilizam rotineiramente não somente mapas, mas uma grande variedade de outras representações da realidade social-[...] Todos eles, assim como os mapas, fornecem um retrato parcial que é, todavia adequada para algum objetivo. (BECKER, 2009, p. 15)

Preocupado com a divisão do trabalho da atividade representacional, configurada como uma comunidade interpretativa, Becker elabora sistematicamente as possíveis funções destinadas aos “produtores” que realizam o trabalho de elaboração e uso que a comunidade interpretativa terá em mãos como “usuários”. A intenção dos produtores pode ser identificada, neste meio, pelo trabalho do usuário, que produzirá uma grade de comparações possíveis. Entre os exemplos de interpretação possível, Becker realiza o da obra ficcional de Jane Austen (1775- 1817) que compõe uma análise social em “Orgulho e Preconceito”. A interpretação de um romance realizada por Becker e seu grupo interessado em falar sobre a sociedade nos induz a verificar se a obra tem as qualificações necessárias para uma análise sociológica, isto é, notar se os detalhes descritos por Austen tem verossimilhança com o cenário conjugal no início do século XIX. Como visto, a história não só prova suas hipóteses, como possui as qualidades de análise social necessárias para que o trabalho decisivo de interpretação perceba não só os costumes do casamento, mas uma série de observações conectadas à vida social desta época.

Apresentando um panorama da história do cinema mundial, Mark Cousins (2013) relata como as mudanças da linguagem e da técnica no cinema foram capazes de

produzir novas emoções. O autor conta que embora a tecnologia para gravar áudio já existisse no início do cinema⁶,

A maioria dos filmes feitos nas quatro primeiras décadas do cinema não tinha nenhuma trilha sonora gravada. Por quê? A tecnologia para gravar pessoas falando estava disponível, mas a emoção de ver imagens em movimento entusiasmava tanto os inventores e seu público que ninguém disse: “Mas essas maravilhas são mudas”. (Cousins, 2013, p. 18).

O emblemático exemplo citado pelo autor sobre as sensações dos primeiros filmes, como o plano único de “A chegada de um trem à estação de La Ciotat” (*L’arrivé d’un Train en Gare de La Ciotat*, França, 1895), instigava as pessoas a terem a sensação de que o trem atravessaria a tela. O escritor então relata como os planos *travelling*⁷ e outras ferramentas, tais como os cortes e *close-ups*, acendiam aspectos sensoriais no cinema. Essas técnicas representavam sentimentos capazes de criar ação e novidade, despertando a imaginação e provocando variadas sensações. A partir de 1903, segundo Cousins (2013), com o surgimento dos astros de cinema e toda a devoção suscitada por meio do interesse psicológico nestes ídolos, demandou-se não apenas novos cortes e planos para revelar os sentimentos dos atores, mas novas formas de narrar histórias da vida psíquica humana.

A forma como Michael Haneke filma seus personagens para representar o amor atrelado à condição de enfermidade se configura como um drama que articula esse sentimento vivenciado em idosos e a visão que repudia a ação tomada por Georges, assim, se projeta para o íntimo de seus personagens, que aproxima a câmera para bem perto do rosto, que filma em planos longos e silenciosos o cotidiano e a vida privada de um casal que teme e resiste ao sofrimento irreversível. De acordo com Cousins (2013, p.98) ao comentar sobre o movimento expressionista na Europa da década de 1920 “[...] o ponto de vista das imagens do filme pode ser ambíguo, tanto olhando de fora para as neuroses de seus personagens quanto de dentro deles”. Um ponto de vista que contraria o compromisso firmado pelo casal de não recorrer ao hospital surge evidenciado por sua filha, que é impedida por seu pai de ver a mãe em seu estado inelutável e rebate a argumentação de que seu pai tem que cuidar de Anne em casa, pois acredita que o

⁶ 28 de dezembro de 1895. Data que muitos historiadores consideram como o nascimento do cinema.

⁷ Movimento de câmera realizado a partir de uma plataforma sobre rodas em que a câmera é montada para que se possa mover suavemente.

cuidado profissional é o mais adequado nessas condições. Elias (2001) explica que essa dificuldade em lidar com os moribundos presentes nas sociedades modernas representa o recalçamento das expressões emocionais antes vivenciadas de forma coletiva. Se nas sociedades tradicionais, a participação das pessoas na morte de um conhecido era mais corriqueira, hoje o sofrimento dos que estão assistindo à decrepitude humana é reprimido. Surge, assim, o papel das instituições de saúde para acompanhar o sujeito desamparado pela família, porém, como observa Elias, esses locais também se encontram destituídos de sentimentos para lidar com os moribundos, colaborando em seu isolamento. No filme, o trabalho das enfermeiras é observado constantemente por Georges, que nota um comportamento inadequado de uma delas. A recusa de Anne em voltar ao hospital evidencia algumas dificuldades já apontadas por Elias.

Importante destacar que a narrativa em *Amour* tem uma estrutura elíptica extremamente bem construída. Os sonhos que Georges tem, por exemplo, ressignificam todo o processo da ação final, são nas passagens inconscientes que ele prevê que algo triste se aproxima ou quando vislumbra Anne livre da imobilidade de seu corpo que o derrame lhe infligiu. Haneke, que é conhecido por retratar a violência em suas obras - “O Sétimo Continente” (1993), “Violência Gratuita” (1997), “A Fita Branca” (2010) -, consegue em *Amour* (2012) tratá-la de forma ambígua, pois um ato extremo de violência (o sufocamento que Georges causa em Anne) ocorre pela dedicação de seu amor, capaz de provocar um ato derradeiro movido por esse sentimento tão estimado. Em contraponto, numa reação de repulsa perante o descuido que a enfermeira manifesta ao cuidar de Anne, Georges apresenta uma sensibilidade que advém de seu incômodo por uma ação que violenta sua parceira. E, por mais que nos surpreendemos com outra cena em que Georges agride Anne por esta se recusar a beber água, a sua atitude final corresponde aos cuidados que destinou à esposa, visto que partia do desejo desta em não viver naquele estado e porque se atestava como um risco para a vida de Georges assistir alguém que se ama definhando naquelas condições.

Alves (2001) investiga quais condições fundamentam a percepção do risco na “terceira idade”. Entrevistando mulheres idosas que ascenderam economicamente e agora vivem nos bairros da zona sul do Rio de Janeiro, a antropóloga nota que a noção de risco entre as moradoras desses bairros está imbuída pelo sentido de ameaça ao status estabelecido pela mudança social. A negação do envelhecimento nos discursos dessas mulheres representa para a autora um dos fatores de percepção do risco. Dessa forma:

O medo do outro e medo de estar oculto na multidão são as informações básicas que transformam um local arriscado para essas mulheres. Podemos seguir que essa percepção talvez se dê pela dificuldade que elas têm em lidar com a quebra de fronteiras e hierarquias sociais numa sociedade complexa e individualista (ALVES, 2001, p. 223).

Os bairros cariocas citados pela antropóloga com seus novos e desconhecidos moradores representam a quebra dos valores tradicionais, assim como é caracterizado o *ethos* do jovem moderno, marcado pelo individualismo e pela valorização do consumo. No entanto, mais do que a ausência desses valores, nota-se no filme que o risco percebido pelo casal se constitui na resistência de Anne em permanecer naquela condição, afligindo seu esposo. O risco da dependência física e emocional é crucial no sentimento de medo em voltar ao hospital, já que o lugar não representa uma recuperação, o que poderia intervir no seu desejo de uma morte rápida e indolor. No contexto vivido pelo casal, a solidão se constitui na vida íntima que os dois levam sem a participação de outras pessoas com as quais podem confiar nesta situação delicada.

Na pesquisa realizada por Koury (2014b) com os idosos de doze capitais brasileiras, verifica-se nas narrativas do envelhecimento pessoal o fator do medo está acionado não em relação à morte, mas sim, à solidão. O medo de se sentir invisível na sociedade, acionado pelo abandono afetivo é mais forte que as perdas funcionais do corpo. Nos relatos de seus entrevistados, a preocupação está concentrada na vulnerabilidade social, impulsionada pelos fatores subjetivos e culturais que agravam uma situação de fragilidade, como a de perda do(a) companheiro(a). Essas vivências analisadas por Alves (2001) e Koury (2014b) já eram levantadas por Georg Simmel em 1903. No texto “A grande cidade e a vida dos espíritos”, o autor observa a adaptação da personalidade na vida urbana. Preocupado em apontar as nuances da vida anímica num mundo dominado pela dimensão fragmentadora da modernidade, Simmel (2005) reflete sobre a constituição psíquica do indivíduo na metrópole. No processo de consolidação da sociedade moderna, a ascensão da economia capitalista e a divisão social do trabalho compõem a sobreposição da técnica e da especialização em detrimento dos vínculos tradicionais e pessoais. Diante dessas mudanças, o caráter intelectualista da vida anímica dos indivíduos da metrópole surge como resposta às rápidas mudanças do fenômeno urbano, no qual o reforço de estímulos acarretaria para Simmel na “intensificação da vida nervosa”. Esta reação se contrapõe às dos habitantes das cidades pequenas ou tradicionais, pois estes responderiam, segundo o autor, pelos sentimentos e

manifestações afetivas. O “espírito objetivo” das metrópoles surge da necessidade do indivíduo em preservar sua autonomia frente à urgência de desraizamento cobrada pelas grandes cidades, surge daí a intelectualização das reações desses sujeitos. Preocupado com os sentimentos conflitantes e a maneira de agir dos habitantes urbanos, Simmel retrata o dilema que a cidade emerge com seu caráter heterogêneo, como espaço do encontro e da diversidade, fazendo com que o indivíduo se perceba como unidade singular, mas ao mesmo tempo, com sua universalidade sob o espectro da igualdade, a metrópole suscita no indivíduo a percepção de sua insignificância frente a esta totalidade, incapaz de influenciar e modificar este espaço. Assim, na busca de resistência do nivelamento proporcionado pela vida urbana consiste as novas maneiras de agir que resultam em expressões excêntricas que convivem com as formas padronizadas dos estímulos (rótulos, estereótipos). Essas formas de caracterizar as relações são resultado da necessidade de se proteger dos acontecimentos contínuos da grande cidade, como forma de não se exaurir de seus movimentos intensos, em resguardar a saúde mental do indivíduo, reduzindo, desta forma, a afetividade nas relações sociais e colaborando, como observa Alves (2001) e Koury (2014b) com o sentido de ameaça individual, percebida pela noção de risco e de medo no meio urbano. A primeira cena apresentada no interior do apartamento atesta o medo urbano analisado por esses autores, visto que o casal conversa sobre roubos e denotam uma preocupação com a segurança do prédio em que vivem.

A similaridade desses conteúdos com a obra de Haneke revela-se na preservação da individualidade do casal, no dilema existencial do sujeito, na questão da solidão, na resistência do convívio e, sobretudo, na linguagem das emoções pautada no sentimento de finitude. A questão da solidão, por exemplo, abordada por Elias (2001), se revela em três possibilidades: a solidão que desejamos, a que é imposta e a que surge por traumas passados. Em *Amour*, como não temos contato com as situações traumáticas do passado que marcaram o casal antes do acidente de Anne, notamos que a privacidade escolhida por eles não se restringe ao desejo de isolamento, mas que este surge imposto pelo constrangimento das manifestações públicas em relação à morte. O relato pormenorizado de Georges sobre o funeral de um amigo contribui para pensarmos sobre os constrangimentos presenciados em tais cerimônias.

Outro aspecto levantado por Elias (2001) concentra-se na questão da finitude da vida vir acompanhada do sentido de vida construído socialmente. Apesar da experiência

do envelhecimento ser vivenciada de diversas formas individualmente, um mesmo grupo de pessoas pode compartilhar o mesmo sentido, que é atribuído pelo grupo e que o mantém integrado. Assim: “A realização do sentido para um indivíduo está intimamente relacionada ao significado que se adquire, ao longo da vida, para outras pessoas, seja através de sua própria pessoa, de seu comportamento ou de seu trabalho.” (ELIAS, 2001, p.74). Tal sentido, que não emerge da exterioridade de nossos seres, surge da participação de cada um em atribuir significado em sua vida.

Partindo do isolamento na experiência de envelhecer, adoecer e morrer, indagamos quais imagens sociais do idoso emergem como parte das representações atribuídas pela sociedade e pelos próprios viventes desta etapa de vida. Por meio de uma abordagem holística do envelhecimento, pautada na imersão de uma cultura, na investigação de sua organização social e no significado e reações aos fatores que se referem a este fenômeno biológico, percebe-se que uma nova imagem social do idoso é representada, possibilitada pela sociedade de consumo, mas que coexiste com a imagem tradicional de inutilidade dos velhos (UCHÔA, et al., 2002). O estudo antropológico de Uchôa et al. (2002) sobre as mulheres que moram na cidade de Bambuí em Minas Gerais é um dos poucos que apresentam as formas que os idosos que vivem no Brasil lidam e dão significado a este período marcado por perdas e limitações. Alguns problemas que as autoras identificam no âmbito das relações sociais referem-se “[...] a um comprometimento da inserção social; mortes de parentes e amigos e aposentadoria favorecem a diminuição da rede social, a perda de papéis sociais, a marginalização e o isolamento.” (UCHÔA, et al., 2002, p.29). Segundo as autoras, os relatos dos informantes-chave denotaram uma imagem negativa da velhice, relacionada à marginalização e à dependência afetiva, enquanto as histórias de vida contadas pelas mulheres não identificaram esses problemas como elementos centrais em suas vidas. O isolamento, por exemplo, era contornado pela participação em associações comunitárias ou religiosas. Na mesma linha, a antropóloga Britto da Motta (2002) nota que:

As perdas são tratadas principalmente como problemas de saúde expressas em grande parte na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, ‘enfeimento’, reflexos mais lentos, menos agilidade... Mas são expressas muito mais pelos outros do que pelos próprios velhos (BRITTO DA MOTTA, 2002, p.41).

Britto da Motta (2002) em seu estudo centrado nas idades mais avançadas e sobre o sentimento do corpo desses indivíduos identifica que a modernidade capitalista construiu a periodização de idades e está sempre a inventar novas segmentações etárias. A autora observa que, de acordo com idades e gerações, a ação biocultural, isto é, o “gestual humano” dos idosos imbuído de sentido e significado, se diferencia. Similar a esta constatação, Featherstone (1991) apud Britto da Motta (2002), formula a expressão “máscara do envelhecimento”, percebendo uma imposição ao corpo que esconderia a identidade da pessoa, geralmente a mesma da juventude.

Coincidindo com esse olhar antropológico, Debert (1999) destaca as múltiplas e específicas formas de se encarar o envelhecimento que não se conformam necessariamente com as imagens retratadas pela ciência, pela mídia e até pelos meios especializados sobre o tema. Assim, a antropóloga observa que:

Os gerontólogos traçaram o perfil do idoso como vítima privilegiada da miséria, mas os velhos pesquisados e apresentados pelos meios de comunicação são seres ativos, lúcidos, participantes, prontos para viverem um dos momentos mais felizes de suas vidas, nos quais o único dever é a realização pessoal. (DEBERT, 1999, pp. 219-220)

O estudo de Debert (1999) sobre a invenção da terceira idade, como resultado da socialização crescente da gestão do envelhecimento, surgiu na esfera familiar e com o passar dos anos, se tornou questão pública, de forma abrangente, com as ações de seguridade social, como a aposentadoria. Posteriormente, a relação do discurso gerontológico com o público envolvido nos programas para a terceira idade e a mídia gerou, de acordo com a antropóloga na “reprivatização da velhice”, transformando a velhice em uma responsabilidade individual. Pode-se inferir diante destas mudanças uma relação com as intervenções neoliberais em diversos países, inclusive no Brasil, que com incentivo em políticas públicas precárias, intensificam as hierarquias sociais e renunciam a solidariedade entre gerações. As representações sociais da velhice neste cenário não estão mais interessadas em transmitir uma visão desprivilegiada da sociedade, mas em gerir seus corpos e sua posição de consumidor em potencial, mediante o crescimento das camadas médias assalariadas, de modo que a posição de boa aparência seja sinônimo de bem-estar. Essa visão de um envelhecimento positivo ou bem-sucedido alcançada pela visibilidade dos mais velhos contrasta com a posição do declínio biológico e da morte social marcada neste processo. Debert (1999) identifica

que as novas imagens do envelhecimento e as formas contemporâneas de gestão da velhice apresentam um cenário mais positivo do envelhecimento, possibilitando novos espaços de compartilhamento de experiências e autonomia na ação das pessoas idosas, porém, a antropóloga se atenta aos dilemas trazidos pelo espectro da “reprivatização da velhice”.

Ao observar as experiências dos moradores de um asilo em São Paulo, Debert (1999) percebe que a identidade dos idosos é concebida em contraposição aos comportamentos atribuídos aos velhos, que são sempre os “outros”. As atitudes desses habitantes se concentram em não parecer velhos, o que corresponderia a perder a lucidez. Dessa forma, esses sujeitos temem perder o controle sobre suas emoções e seus sentimentos, pois assim seriam identificados como velhos senis, sendo intolerável seguir esses estereótipos estigmatizantes. Dessa forma, a produção de uma subjetividade negadora da identidade se associa a essa modalidade de reinvenção da velhice.

Retomando ao filme, a integridade física e moral abalada em Anne modifica sua identidade, vemos como o peso de sua condição envolve o casal para uma experiência privada. Não sabemos se estes personagens se identificam com o “ser velho”, mas o temor da fragilidade humana e o controle das emoções são perceptíveis em *Amour*. Os indicadores de senilidade, por exemplo, quando Anne se encontra agonizando, revela o declínio biológico tão temido em nossa sociedade. Assim, “quando doença e morte são abordadas, é unânime a consideração de que é a morte é preferível à invalidez, que implica a perda de autonomia e a vida vegetativa” (Debert, 1999, p.122).

O admirável trabalho de Simone de Beauvoir (1990) na década de 1970 relata de forma escancarada o fracasso ao longo da história da civilização ocidental em tratar a velhice. Destacando a queda da valorização e da autoridade dos mais velhos nas sociedades mais “avançadas”, a autora observa nas atitudes negativas à velhice o sentido de interesse dos exploradores de manterem sua condição, atribuindo descrédito às faculdades adquiridas pela experiência de vida. E ainda que perceba na classe dominante a presença de pessoas mais velhas, “quando ela [a classe dominada] é governada ou influenciada por pessoas idosas, atribui valor à idade avançada”. (BEAUVOIR, 1990, p. 262), a autora explica que os jovens já não respeitam a condição dos velhos explorados, pois além de se sentirem distantes e temerem o envelhecimento, possuem o interesse em governá-los, manipulando a ordem do respeito para obter ganhos, sejam estes morais, simbólicos ou econômicos. A ambivalência presente na

noção de velhice das sociedades capitalistas parte, portanto, da luta de classes e acentua a imagem negativa que a sociedade faz desta fase de vida.

É o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade- muitas vezes cuidadosamente mascarada de seus princípios e de seus fins. (BEAUVOIR, 1990, p.108)

Uma vez que a nossa sociedade de consumo está atrelada aos valores associados à juventude, os idosos, que representam a tão temida obsolescência, são esquecidos, ignorados, ridicularizados. Quando notados, a sociedade lhes exige a manterem-se jovens e, portanto, bem-sucedidos. Beauvoir (1990) afirma que as sociedades “primitivas” valorizavam os idosos porque eles detinham conhecimentos necessários à sobrevivência da coletividade, o que lhes conferiam relevância e respeitabilidade. O inverso ocorre nas sociedades capitalistas, nas quais o conhecimento é “instantâneo” e logo se torna ultrapassado.

As reações negativas aos velhos continua a se afirmar em nossa sociedade, mas Beauvoir abre possibilidades para lidar com a inevitabilidade da condição de envelhecer e morrer. Inspirada nas obras de Beauvoir, a antropóloga Mirian Goldenberg (2014) sem deixar de discutir os aspectos negativos do envelhecimento, busca investir nos aspectos positivos da velhice, incentivando novas formas de se alcançar a felicidade nesta fase por meio de um projeto de vida para se alcançar uma “bela velhice”. Ao pesquisar a reação de seus leitores sobre os textos de sua coluna da Folha de São Paulo, Goldenberg (2014) percebe uma diferença de gênero no discurso sobre os desejos que surgem nesta etapa da velhice. Os homens, por exemplo, desejam trabalhar com o que gostam e dedicar-se a família, enquanto as mulheres, a autora observa, querem liberdade e dedicar o tempo a si mesmas. Essas avaliações distintas a respeito de envelhecimento masculino e feminino mostram como as mulheres são julgadas pelo comportamento e pela aparência, já os homens são avaliados pelo trabalho, pela produtividade e pelo sucesso. Dessa forma, a autora busca tirar o estigma da categoria “coroa” e combater os estereótipos e preconceitos que cercam as mulheres que envelhecem.

Goldenberg (2014) observa tanto em homens quanto em mulheres a não aceitação da própria idade, no qual consiste para esses o verdadeiro problema do mau envelhecimento. Para solucionar essa questão, a autora propõe, portanto, a construção de uma trajetória de vida com uma ênfase existencialista, assim:

A “bela velhice” é o resultado natural de um “belo projeto de vida”, que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós. A beleza da velhice está, exatamente, na sua singularidade, nas pequenas e grandes escolhas que cada indivíduo faz ao buscar concretizar seu projeto de vida. (GOLDENBERG,2014,p.18)

Diante dos argumentos expostos, observamos em *Amour*, a passagem em que Anne e Georges estão almoçando e ela lhe pede para ver os álbuns de fotografia, a importância da trajetória de vida para conquistar uma bela velhice, apesar das dificuldades impostas. Em um curto diálogo, enquanto Anne observa suas fotos antigas, notamos esse significado:

Anne: É bonita.
Georges: O quê?
Anne: A vida. Tão longa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de amor atreladas à condição de enfermidade retratadas no filme *Amour* expressam a indagação de como nos relacionamos com a longevidade ou com a limitação de nosso corpo. A sensibilidade que o tema é tratado na obra permite que diversas interpretações sobre o envelhecimento surjam de modo que as emoções fixadas nas cenas e sequências causem inquietude no espectador, pois carregam uma trajetória moral e emocional inerentes à vida em sociedade.

Esta pesquisa que se dedicou sob o viés dos estudos socioantropológicos das emoções em discutir os sentimentos de medo, amor, solidão, identifica quais imagens e sentidos são atribuídos acerca do envelhecimento e da morte. Dessa forma, além de analisar a questão da fragilidade humana, vimos como esta se desenvolve de forma heterogênea e particular em cada um de nós, mas que abrangem tantas esferas que são necessários recursos interdisciplinares para desvendar a interação desses fatores que comportam explicações socialmente objetivas e subjetivas.

O tema da solidão presente na sociabilidade moderna se concentra incisivamente na condição da velhice e é apresentado com rigor na obra cinematográfica, visto que inserem reflexões teórico-metodológicas sobre a experimentação do amor na velhice. A relevância que a combinação do material cinematográfico proporcionou, juntamente com as pesquisas das ciências humanas e biológicas, representa novas formas de interpretação de representações sociais que contém aproximações e contradições entre si, de modo que contribuem na comparação dos significados da velhice no conceito de curso da vida.

A história de Anne e Georges em *Amour* não está muito distante dos relatos levantados e organizados pelos autores que tratam do processo de construção do envelhecimento. O momento de enfrentamento à morte surge reforçado pela consciência da finitude mais próxima. Vimos como os sintomas do luto, por exemplo, começam a revelar um novo sentimento do envelhecer. Michael Haneke consegue de forma sublime retratar a história de um casal de idosos que confronta a questão da debilidade e da morte sem cair em estereótipos. A assombrosa interpretação de Emmanuelle Riva e Jean-Louis Trintignant valida o cuidado em que o tema é abordado de forma crua e dolorosa.

As expressões que o casal de protagonistas em *Amour* apresenta em sua condição inelutável se conformam com os ambientes internos fechados, escuros e vazios que Haneke filma com sofisticação. A escolha de não mostrar uma possível tentativa de suicídio de Anne quando Georges vai a um funeral é um exemplo de elipse bem construída na abordagem sobre o desespero e angústia inerentes às dificuldades advindas pela fragilidade humana, aparecendo como um risco iminente frente à perda de sentido da vida.

O levantamento das perspectivas socioantropológicas das emoções, assim como a contribuição dos estudos das representações sociais formaram conteúdos fundamentais para a realização deste trabalho. Vimos como os sistemas de interpretação que conduzem nossa relação com o mundo e com os outros orientam e organizam as condutas dos indivíduos e das instituições. Na etapa de desenvolvimento que os protagonistas estão mais próximos do processo de morrer, a investigação sobre o sentido da vida e as adaptações às mudanças da sociedade contemporânea no ajustamento social e nas subjetividades dos sujeitos diante da morte afirmaram-se necessárias para esclarecer o sentimento de dor atrelada à condição de perda e enfermidade.

A redução da autonomia nesta etapa da vida é exaltada em *Amour*, permitindo que reflexões sobre os sentimentos que emergem a partir das alterações dos processos e dos comportamentos associados aos idosos e ao envelhecer sejam pertinentes na investigação do curso de vida, de modo a esclarecer as repercussões que as experiências vividas neste processo do envelhecer desempenham nas interações sociais quanto à questão da dignidade da vida humana incorporada em diversos e específicos contextos.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes . Velhice, mudança social e percepção do risco. In: G. Velho e K. Kuschnir (orgs.). **Mediação, Cultura e Política**, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora 2001, pp. 213-236.

AMOUR. Produção de Stefan Arndt e Margaret Ménégoz, direção de Michael Haneke. França, Alemanha, Áustria: Les Films du Losange; X-Filme Creative Pool; Wega Film, 2012. 8 mm, 127 min., col. Son. Legendado. Port.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, Howard. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 312 p.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Tradução: Alberto Candéias. Lisboa: livros do Brasil, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo**. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.

BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e sentimento de corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A (Org). **Antropologia saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, pp.37-50.

COELHO, Maria Cláudia; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

COUSINS, Mark. **História do Cinema: dos clássicos mudos ao cinema moderno**. Martins Fontes, 2013, 512p.

DAMÁSIO, António R., **O Erro de Descartes**. Emoção, Razão e Cérebro Humano, 3ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, 252 p.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, Fapesp 1999.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989, pp. 53-79.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**, 2007, 165p.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. “Curso de vida” (verbete). In: **Conceitos essenciais da Sociologia**, 2ª. edição, São Paulo: Unesp, 2017, pp. 190-198.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2014, 127 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2016** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016, n.36, 146 p.

KOURY, Mauro G.P. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2004, 102 p.

KOURY, Mauro G.P. **Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil**. Soc. estado. [online]. 2014a, vol.29, n.3, pp.841-866

KOURY, Mauro G.P. **Estilos de vida e individualidade**- Escritos em Antropologia e Sociologia das Emoções. Curitiba: Editora Appris, 2014b, 226p.

LINDNER, Evelin G. **O que são emoções?** [Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury]. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 36, pp. 822-845.

LUTZ, Catherine; WHITE, Geoffrey M. **The Anthropology of Emotions**. Annual Review of Anthropology, Vol. 15, 1986, pp. 405-436.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). Antropologia. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PUSSETTI, Chiara. **As razões do coração: entre neurociências culturais e antropologia das emoções**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 14, n. 42, pp. 23-41, dez. 2015.

SIMMEL, George. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito. In: **Mana: estudos de antropologia social**, vol. 11, n. 2, 2005. pp. 577-592.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: **Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

UCHÔA, E. ; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C. S. ; COIMBRA JR., C. E. A (Org). **Antropologia saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

WORLD population prospects: the 2017 revision. New York: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2017. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/Download/Standard/Population>. Acesso em: 2 jun.2018.